

*É possível voltar? As dificuldades do regresso ao campo em um povoado dos Andes colombianos**

SANTIAGO ALVAREZ

Facultad de Bellas Artes, Universidad Nacional de La Plata

Resumo Este artigo tem o objetivo de mostrar as dificuldades teóricas inerentes ao retorno ao campo. Após uma pesquisa etnográfica de 15 meses em uma comunidade rural nos Andes colombianos, o pesquisador voltou nove anos depois por um curto período em condições diametralmente diferentes. É nesse contexto que o artigo discute a viabilidade de comparação dessas experiências. Mostra as profundas transformações que ocorreram na área analisada e discute a precisão da hipótese desenvolvida na tese. Em particular, analisa a relevância e a eficácia do que Michael Taussig chamou de "linguagem do terror" e a persistência ou não das ideias dominantes e práticas nas quais prevalece uma masculinidade agressiva e competitiva, que pressupõe a subordinação das mulheres e o controle sobre elas.

Palavras-chave: Trabalho de campo etnográfico; Comparabilidade; "Linguagem do terror"; Proteção.

Abstract: This article has the aim of showing the intrinsic theoretical difficulties of returning to the field. After an ethnographic fieldwork of fifteen months in a Peasant community of the Colombian Andes the author returned nine years later for a short period in dramatically different conditions. Is in this context that the article discusses the viability of the comparison of diverse ethnographic experiences. The article shows the deep transformations that took place in the field and discusses the accuracy of the hypothesis developed in the thesis. Debates, specially on the relevance and effectiveness of what Michael Taussig defined as the "Language of terror" and also on the persistence of dominant ideas and practices in which prevails an aggressive and competitive masculinity and in which exist ideas of subordination and control over women.

Keywords: Ethnographic fieldwork; Comparativeness; "Language of terror"; "Patronazgo".

Introdução

Neste artigo descreverei minha experiência e as dificuldades de sua tradução ao campo etnográfico. Refiro-me ao retorno a campo depois de nove longos anos de ausência. Começo com um truísmo, afirmando que, contrariamente à ideia de fixação fotográfica que a construção etnográfica supõe (um processo marcado pela distância), o campo, ao contrário, se move e continua a mover-se de um modo que se poderia definir como cinematográfico.

Voltar envolve lidar com a transformação daquilo que em nossa escrita é fixo, imutável. Longe do campo, na comodidade de nossas bibliotecas ou diante do computador pessoal em nossa casa, elaboramos um relato explicativo de nossas experiências. A distância permite construir uma interpretação que, dia após dia, parece mais plausível e racional que a fluidez e ambiguidade do campo. Quanto a mim, esse retorno significa examinar e questionar as hipóteses apresentadas, com certa arrogância juvenil, em minha tese de doutorado.

Todo regresso pressupõe o risco de encontrar no espaço a que se volta profundas alterações. As mudanças experimentadas são inúmeras, a começar por nós mesmos, por nossos pontos de vista e observação que se modificam com o passar do tempo; mas, talvez mais dramaticamente ainda, o campo revisitado não é mais o que era. Ao mesmo tempo, devemos ter em mente que o retorno também significa constatar a presença de continuidades de “vasos comunicantes” que fluem de uma fonte mais profunda e persistente. Retornando ao campo devemos saber compreender tanto o que se transformou como o que se manteve inalterado e nos encorajarmos à comparação com a maneira com que esses elementos foram tratados em nossa construção etnográfica. Isso significa entender que essa construção é um dispositivo muitas vezes fetichizado: recorremos a ele para lembrar como era realmente o campo. Quanto mais nos esquecemos de nossas experiências, mais acreditamos que a reconstrução etnográfica é essa memória perdida. Nesse sentido, retomar as anotações feitas no campo nos permite trilhar um caminho intermediário: ainda que sejam reflexões e observações e não “pura experiência”, nelas encontramos o desordenado e o desconexo que fomos alinhavando e ordenando em nossa tese.

Um dos problemas fundamentais que encontro em meu caso particular é pretender contrastar duas experiências etnográficas diferentes.

Uma breve volta me põe em contato com os acontecimentos, com o que está ocorrendo; uma estadia prolongada, no entanto, me conecta com rios profundos, por onde correm continuidades sociais.

Meu trabalho de campo, que pode ser considerado clássico, foi realizado entre final de 1994 e início de 1996. Foi uma longa permanência: fiquei quinze meses em uma comunidade rural no sudeste dos Andes colombianos. Essa comunidade (que denominei Nόμεque para não usar seu verdadeiro nome) era habitada no momento de minha pesquisa por cerca de três mil pessoas na área urbana e se localizava no planalto Cundiboyacense, ao pé do páramo de Sumapaz, a uns 2.600 metros de altura e a uns 100 quilômetros a sudeste de Bogotá.

Nόμεque, em meados dos anos 1990, era afetada por diferentes enfrentamentos externos e internos. Naquela época, as guerrilhas, as forças armadas e os traficantes de drogas lutavam violentamente pelo controle da região. Além disso, várias famílias camponesas enfrentavam-se em vinganças de sangue nas quais os ideais de masculinidade agressiva eram sua expressão trágica (ALVAREZ, 1999, p. 1; 2001, p. 2-3). Durante meu trabalho de campo, vários membros da comunidade local, por vontade ou por acaso, foram mortos no meio desses conflitos. Vou me referir mais tarde às profundas transformações políticas e também à tenaz persistência dos elementos de conflito interno.

Se compararmos a primeira longa permanência na localidade analisada com meu rápido retorno a ela temos que levar em conta que as condições do regresso não poderiam ser mais distintas. Essas diferenças se nos apresentam como dificuldades a resolver. Nessas circunstâncias, é possível e válido fazer uma comparação? Considero que sim, que a comparação é possível e válida sempre tendo em conta os limites objetivos dessa comparação: estamos comparando os dados obtidos de diferentes formas tanto qualitativa como quantitativamente (uns cuja obtenção dispunha de tempo mais do que suficiente e outros coletados rapidamente, em apenas alguns dias). Um argumento sólido a favor da comparabilidade é entender que minha presença anterior atua como conhecimento acumulado. Envolve o trabalho sobre uma série de conhecimentos empíricos anteriores para melhorar a minha segunda experiência. Ter estado na comunidade antes por um tempo bastante prolongado me permite analisar as alterações encontradas dentro de um contexto conhecido e trabalhado. Hegel dizia que se via como um anão montado sobre os ombros de gigantes no sentido de

que sua filosofia assumiu as contribuições dos filósofos do passado. Do mesmo modo, um breve regresso ao campo representou “subir nos ombros” de uma larga experiência etnográfica.

Nessa segunda ocasião permaneci, no total, na Colômbia por um mês aproveitando esse período para visitar o povoado que em minha tese denominei Nómeque em numerosas ocasiões. Também decidi ficar lá por um período contínuo de 10 dias, deixando claro que mesmo as condições de permanência nesse curto período foram diferentes. Dada a situação política que o lugar atravessava (falarei dessas mudanças mais adiante) e, certamente, tendo em conta certos receios atribuídos à minha experiência e maturidade, decidi não passar a noite na aldeia, Nómeque, mas fazê-lo em uma cidade vizinha (que no meu trabalho anterior chamei de Sutagao). Eu ia todas as manhãs para a aldeia e voltava à cidade ao escurecer. Além disso, entrevistei pessoalmente ou por telefone em Bogotá e Sutagao pessoas que viviam na aldeia quando do meu primeiro trabalho de campo. Esses contatos continuaram até o último dia de minha permanência na Colômbia, quando quase perdi meu vôo porque decidi viajar ao amanhecer desse mesmo dia com duas pessoas de Nómeque a uma localidade da Sabana, distante cerca de duas horas e meia de Bogotá. Ali, em um asilo de velhos, encontrei-me com quem em minha tese denominei padre Santana, um velho sacerdote que deixara de ser pároco do povoado havia muitos anos e que fora um de meus principais informantes nove anos antes. Em pouco tempo, apenas uns meses depois, já de volta à Argentina, fui informado de seu falecimento. Já no aeroporto, pouco antes do embarque, contatei um outro informante-chave.

Considerando todos esses condicionamentos, minha visita me permitiu recontactar as pessoas que me ajudaram em minha pesquisa anterior, e pude ficar sabendo sobre a vida de quem havia abandonado o povoado, inteirar-me de uma série de acontecimentos que, embora não os tenha analisado com a profundidade que mereciam, colocariam, sem dúvida, em crise várias afirmações que fiz em minha tese.

Retorno

Subo pela estrada a Nómeque em uma Kombi (lá chamada de van) nova, reluzente e claramente mais confortável que os carros velhos que iam se enchendo de gente pelo caminho e fazendo o mesmo percurso de nove

anos antes (de todo modo, os condutores continuam com o costume de tentar colocar dentro dos veículos a maior quantidade possível de passageiros e empurrá-los quando não entram). Embora os veículos fossem mais novos e confortáveis, achei o caminho de Sutagao a Nόμεque em muito piores condições. O caminho estreito que subia as montanhas não se poderia dizer que estivesse pavimentado e tinha muitas curvas. Nossa viagem (refiro-me ao primeiro reencontro, ao primeiro dia de minha volta) interrompeu-se porque o caminho foi cortado por uma avalanche de lama e pedras e tivemos que esperar vinte minutos para que uma máquina limpasse o lugar e pudéssemos continuar. Chovia, e havia chovido intensamente sem parar durante dias, o que fazia com que a vegetação ao redor tivesse um verde muito intenso. Surpreendem-me as nuvens que cobrem e descobrem as montanhas no horizonte, a alegria de redescobrir uma paisagem em constante mutação.

Em seguida, passamos por um vilarejo onde se lia em uma parede grafitada: "Morte a todos os guerrilheiros: fora com toda essa gentalha. AUC". A AUC (Autodefesas Unidas da Colômbia) são os paramilitares, que não operavam em Nόμεque na época de meu trabalho de campo. Eu só posso me surpreender: alguns anos atrás não poderia existir uma pichação que não fosse das FARC (guerrilha, as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Esse foi o primeiro sintoma da presença de paramilitares na área, algo tinha mudado e havia sido dramaticamente.

Aquela região tinha uma presença guerrilheira que remontava a mais de 50 anos. A parte histórica do meu trabalho era sobre o enraizamento desse movimento e sua relação profunda com os camponeses (ver Alvarez, 2004). Por essa análise não se pensava que em tão pouco tempo as guerrilhas seriam varridas do mapa, embora para fazê-lo tenham sido usadas táticas de uma guerra suja. Mais tarde ouvi, em voz baixa e com extrema cautela, as palavras "listas negras" e "limpeza" para se referir ao "trabalho" dos militares e os "paras" na região.

Ao chegar novamente ao centro do povoado, a primeira sensação que tive foi que nada havia mudado, que tudo estava em seu lugar: a igreja, o edifício mais alto, ainda à espera de reparos ou, pelo menos, uma mão de tinta, com sua grande torre e seus dois anjos soprando trombetas e protegendo o povoado. Não se viam novas construções e os negócios eram incrivelmente parecidos quando os deixei, com as mesmas mesas, as mesmas cadeiras, os mesmos artigos. Apenas um computador com serviço de internet oferecido em uma pequena loja que também era papelaria e possuía

fotocopiadora, entre outros itens, marcou uma mudança, uma modernização incipiente.

A maioria dos homens, particularmente os camponeses, ainda usavam o tradicional poncho. Na praça, reconheço aquele que havia sido o sacristão da cidade e sou reconhecido por ele (embora à primeira vista o tenha confundido com um seminarista). Ele havia sido um informante-chave nos episódios de vingança entre famílias. Malvestido e envelhecido, havia perdido sua posição e seu *status* com a chegada do novo pároco, e agora vendia, como ambulante, bilhetes de loteria. Mais tarde ouvi o comentário de que ele se sentiu muito lisonjeado por eu tê-lo reconhecido e cumprimentado afetuosamente.

Reencontros, afetos e distância científica

Encontrei-me, depois de muitos anos, com Presentación Choachí – este é o nome que dei, em minha tese, a quem foi, talvez, minha principal informante. Encontrar-me com ela significou uma grande emoção. A relação estabelecida com ela e sua família era (e é) uma relação muito afetiva. Eis outro ponto difícil do retorno: escrevemos sobre pessoas com quem nos relacionamos e compartilhamos. Maurice Bloch disse: “Um pesquisador de campo não deve esquecer que, em última instância, deverá terminar, ou pelo menos suspender, as intimidades do campo para poder reassumir a sua vida. Fazer isso, muitas vezes, é extremamente doloroso, tanto para os que são estudados como para o cientista social, mas essa tensão é em si mesma extraordinariamente enriquecedora” (ALVAREZ, 2004, p. 11). Este problema não é de forma alguma fácil ou pode ser tratado pensando que, porque temos boas intenções, nossas relações afetivas e nossa pesquisa caminharão paralela e harmoniosamente. Ao pensar sobre isso, fui ver o filme *Capote*, que mostra o dilema moral de Truman Capote: o escritor tem um relacionamento amoroso com um assassino e, num primeiro momento, o ajuda na medida em que este o ajuda a escrever o seu romance *A sangue frio*.

Abandona-o (deixa de pagar os advogados) quando precisa terminar seu romance e percebe que o melhor final para ele é que o assassino seja punido com a pena de morte e que não se consiga obter outro adiamento da execução da sentença. Capote visita o condenado à morte em seus últimos momentos e este lhe pede para que assista a seu enforcamento. Quando

decide, após muita hesitação, vê-lo pela última vez, não sabemos se o faz por sua amizade com seu informante ou para registrar até o final o que viria a se tornar parte de seu livro. Convenhamos que o caso de Capote é particularmente psicopático, mas o dilema moral está lá. Temos escrito sobre outras pessoas com quem nos relacionamos e ao voltarmos a nos encontrar com elas é que vamos saber até que ponto as respeitamos e não as ofendemos com nossas opiniões. Eles têm sido o material de nossa pesquisa além do carinho que temos por eles. Decidir o que escrever e o que não escrever sobre eles é um dilema moral de difícil solução e cada caso apresenta uma situação diferente. Tremi quando entreguei o meu livro a Presentation Choachí. Depois tudo foi mais fácil: ela o leu e o discutiu comigo, concordou com as conclusões básicas, e eu respirei aliviado. Sua filha teria sido ainda mais flexível pensando que fosse brincadeira: ria dos nomes que eu havia posto em cada uma de suas tias ou quando conseguia identificar alguma outra pessoa conhecida a que o trabalho fazia referência. Ela me perguntava, então: “É ela”? Trabalhamos com material humano e isso implica uma enorme responsabilidade. Havia detalhes pessoais que poderiam acrescentar um pouco de tempero ao livro e que eu preferi omitir. Ao mesmo tempo, havia elementos que escrevi e que poderiam ser considerados ofensivos. Até o momento, o julgamento dos meus leitores informantes havia sido benevolente.

Sáimos com Presentación à rua e começo a reconhecer outros rostos quando se aproximam ou quando caminho até algum lugar do povoado. Pergunto por este e por aquele: muitas pessoas que ali viviam decidiram ir para Sutagao, a cidade mais próxima, por razões de comodidade, em alguns casos, ou de segurança, na maioria deles. Outros fizeram isso porque suas vidas estavam em grave perigo e alguns até foram para o exílio na Europa ou no Canadá.

Algumas mudanças

Danilo, o marido de uma das Moreno (sobre quem faço extensa referência na tese) foi assassinado pelas AUC em Sutagao: tinha sido colocado em uma lista negra acusado de trabalhar com a guerrilha; o resto da família decidiu deixar a aldeia. "Paco", um líder da guerrilha local, foi morto em sua pequena fazenda no pântano enquanto trabalhava no campo. Segundo a

versão oficial, tentou sacar sua arma e atirar, mas teria sido morto pelas costas.

Os Artaza, os narcotraficantes que eu descrevo no sexto capítulo da minha tese, haviam abandonado repentinamente suas fazendas e desaparecido misteriosamente quando a polícia estava perto de suas trilhas. Guillermo, meu contato com os Artaza e que me levava à fazenda deles, partiu também para o Canadá, alegando uma estranha perseguição política na qual ninguém acreditava, salvo as autoridades canadenses, que lhe concederam, generosamente, o *status* de refugiado.

A feira de Nόμεque, da pequenez à grandeza

A feira de Nόμεque que eu havia visto dez anos antes era, então, uma das menores e mais pobres da região. Na verdade, ela estava suspensa havia vários anos pela violência e foi reaberta durante o meu trabalho de campo. Ao retornar à cidade, no entanto, todo mundo queria me contar os detalhes da última feira que ocorreu um ano antes com grande sucesso e ostentação. As pessoas falavam de um desfile do qual participaram mais de mil cavaleiros de associações de cavalos Paso Fino de toda a região.

Como desenvolvi pontualmente em minha tese, essas associações eram frequentemente acusadas de ser compostas por traficantes de drogas e grupos paramilitares (ALVAREZ, 2004, p. 143-144). Não posso deixar de pensar em uma grande demonstração de poder. Essa feira particularmente ostensiva significava a celebração de uma vitória, que eles gostariam de pensar como final e definitiva, desses atores sociais sobre a guerrilha já erradicada (definitivamente?) do povoado.

As "listas negras" e a eficácia do terror

Em minha tese me referia à crítica do conceito de "terror" por Michael Taussig, que o usa para falar de um poderoso discurso de dominação que agiria aumentando o medo das pessoas. O terror seria eficaz, de acordo com Taussig, em "destruir a capacidade de resistência das pessoas" (TAUSSIG, 1987, p. 128 e 1992, p. 11). Eu admitia que em Nόμεque o discurso do terror era produzido por diversos agentes envolvidos nas

políticas de dominação social. No entanto, apontava que "fiquei surpreso ao descobrir que, mesmo diante de condições incrivelmente ameaçadoras, a maioria das pessoas na comunidade não assume uma atitude passiva; continua, ao contrário, perseguindo seus próprios objetivos e não hesita em usar de violência para conseguir o que querem" (ALVAREZ, 2004, p. 24). Pensava que o discurso do terror era menos eficaz em Nómeque talvez por este não ser monopolizado por um único ator social. Ao retornar ao campo deparei-me com uma tentativa de monopólio do discurso do terror por uma combinação de políticas de fato entre o Estado e os paramilitares. Em que consistia a "limpeza" feita pelos militares e os "paras"? Diziam-me, sempre em voz baixa e olhando para os lados para ver se ninguém estava ouvindo, que se tratava de encontrar os apoiadores da guerrilha entre o povo, capturá-los, detê-los sem julgamento por uns meses para observá-los e depois soltá-los ou condená-los. Eles eram advertidos e ameaçados no sentido de que, se continuassem a colaborar com a guerrilha, teriam problemas. Depois, os paramilitares se encarregariam de cumprir as ameaças.

No povoado apareceram várias "listas negras" com os nomes que deveriam abandoná-lo ou seriam executados (Dario e "Paco" teriam estado nelas). "Danilo, casado com uma Moreno, tinha um carro que viajava de Sutagao a Nómeque, mas parece que também o usava para levar armas para a guerrilha pelo pântano. Ele foi morto em Sutagao quando foi estacionar o seu carro e uma motocicleta passou, por volta das três da tarde, e ele foi baleado. A partir disso se falava de 'lista negra' e que eles iriam matar todos cujos nomes estivessem nela. Dizia-se que nessa lista estava um filho de Eurico e um neto de dona Lucila e também o irmão da ex-mulher de Eurico, que havia sido preso por um ano e meio por ajudar a guerrilha. Ele foi morto no caminho para Sutagao e isso já faz dois anos."

Definitivamente, essas listas produziam terror e alcançavam o seu propósito: tratava-se de "deixar os peixes sem água", como me contou Ernesto, um militante que pude voltar a contatar com alguma dificuldade. Ernesto, de pais comunistas, havia estudado no Leste Europeu.

Tive um encontro pessoal com esse militante formado com quem havia tido contato em minha estadia anterior (prefiro não dar aqui mais detalhes pessoais). Encontramos-nos em Nómeque, mas combinamos de nos ver em Bogotá, onde nos encontramos em duas oportunidades; estava aterrorizado com a presença das AUC. Disse-me que em Nómeque a presença dos "paras" é mais limitada em comparação com as atrocidades

cometidas em Sutagao, Silvania e Subia. “Em alguns locais de Silvania haviam matado centenas de pessoas e enterrado os corpos ali mesmo. Um eletricista enviado pela empresa elétrica para mudar os cabos foi assassinado porque matam todos os que não conhecem. Quando seus familiares quiseram recuperar o cadáver que as AUC haviam esquarterado, disseram-lhes para nem pensar, ou lhes aconteceria o mesmo.”

“Em Subia capturaram quatro membros de uma família que colaborava com a guerrilha, e os torturaram com motosserras. A ela, a mulher, para que desse mais nomes, cortaram-lhe os seios e em seguida os joelhos e as pernas. Há massacres nessas zonas todas as semanas “uma vez seis pessoas outras cinco ou oito...”.

Se em minha tese fiquei surpreso ao descobrir que, apesar da enorme carga de violência em Nόμεque, não encontrava a eficácia daquilo que Taussig chamava a “linguagem do terror”, nesta segunda ocasião isso podia ser sentido em todas as conversas.

Ernesto também estava preocupado com a perda de reconhecimento da guerrilha. Ele disse que a guerrilha perdeu o prestígio porque alguns dos camponeses que eram membros dela aprenderam o negócio de sequestro e de cobrança da “vacuna” e pensaram: “Por que nós não fazemos isso para ganhar?”.¹ E esses grupos sequestraram todo mundo e estão desacreditados. Além disso, as FARC não souberam ceder nada nas negociações de paz com Pastrana; para conseguir alguma coisa, tem que ceder. “Mas ele diz que a situação no Sumapaz é latente, pois os guerrilheiros se retiraram, mas podem retornar.”

A persistência de vingança entre famílias

Na Nόμεque de minha tese, os conflitos entre famílias se resolviam violentamente por vingança. O que aconteceu com os Casares envolvidos em um ciclo de vingança com os Ramallo? Presentación me contou que um dos últimos Casares que havia ficado responsável pelo açougue depois da morte de seu irmão também foi assassinado: “Eles fizeram um funeral grande com *mariachis* e tudo, sua viúva chorou desconsoladamente e recitou um poema. Para reabrir a loja, pediu ajuda a dona Lucila que emprestou Walter, o rapaz que a ajudava, em três meses estavam juntos”. Também conhecia bem o

Walter, um fã de briga de galos, era amigo dos Casares e me ajudou a conhecê-los; apostávamos juntos em seus galos.

Voltei a vê-lo por uns dias e, orgulhoso, tirou comigo uma foto em frente ao famoso açougue que agora dirige. Tinha uma filha com a ex-mulher do falecido Casares e até dirigia um jipe todo destruído. Bastante progresso para quem vivia em uma pequena casa e dividia o quarto com muitos irmãos.

Outros dois Casares foram feridos gravemente num ataque de seus inimigos: um deles até havia perdido uma perna nesse incidente. A esposa de um deles, cujo casamento não ia bem, recebeu uma carta de um suposto amante para que se encontrasse com ele em algum lugar no pântano. A mulher levou a filha ao encontro e ambas apareceram mortas nas montanhas.

Sabe-se que as vinganças continuaram seu ciclo até chegar à quase aniquilação de uma das famílias envolvidas, como aconteceu em casos anteriores.

O cemitério e alguns mortos

Uma visita ao cemitério trouxe outra surpresa: o lugar que antes era desorganizado e sujo estava agora bem-cuidado e tinha até uma pequena capela recém-construída. Embora tenha passado ali meio dia, não pude encontrar as sepulturas que faziam menção a figuras revolucionárias. Em minha tese eu comparava a desordem reinante no cemitério com uma sociedade que tinha tido êxito ao expulsar os proprietários de terras, mas que não haviam terminado de sedimentar uma estrutura social. Em meu retorno, a ordem parecia ter sido restabelecida. Entre essas tumbas revolucionárias que não já não estavam mais lá havia uma que fazia referência ao “camarada Gonzalito”, morto em um enfrentamento havia uns doze anos. Seu irmão, que tinha um jipe verde (e era, segundo um de meus informantes, “um ‘fregado’, uma pessoa muito má”) participou da morte de dois policiais que haviam sido capturados pela guerrilha. O certo é que o investigaram, o perseguiram e finalmente o prenderam e até hoje continua na prisão.

Outra família comunista com problemas é a de Bernal, o fotógrafo do povoado. "Primeiro eles levaram o gordo, um de seus filhos. Ele foi pego quando tentou explodir umas pontes em Melgar e levado à prisão de segurança máxima. Seu pai esperava que com as negociações de paz de Pastrana houvesse uma anistia e fosse libertado. Mas ele está na cadeia ‘se

fregó' porque matou um traficante muito perigoso, que certamente lhe tornara a vida impossível. Ele assumiu o crime – “eu carrego essa morte”, disse publicamente. Já está preso há cerca de cinco anos. O outro filho "chusco" (jovem bonito) chegou a ter alguma importância nas FARC; quando houve os encontros entre a guerrilha e o governo em San Vicente del Caguán, seu pai ficava assistindo à TV para ver se entre os guerrilheiros aparecia ele, mas não. Seu pai estava muito preocupado por não ter notícias dele e rezava – ele que era um comunista – novenas para o Menino Jesus para que aparecesse. Ao final, ficou sabendo que havia morrido em um confronto. Pobre velho, só lhe restava uma filha viva, que foi viver em Bogotá. A mãe não estava de acordo com suas ideias, e morreu. Com a morte da mãe, os filhos sentiram que não tinham o que fazer em Nómeque e disseram ao pai que tinham suas ideias e que o melhor era irem para a montanha.

Todas essas histórias fazem-nos por trás das mudanças profundas que o discurso do terrorismo deixa sua marca indelével. Todas essas histórias nos mostram profundas transformações por trás das quais o discurso do terror deixa sua marca indelével.

Conclusão

Acredito que uma breve estadia quase dez anos após uma longa pesquisa de campo tornou-me possível questionar as premissas fundamentais do meu trabalho. Nesse sentido e com todas essas limitações, ambas as experiências são "comparáveis".

O retorno ao campo nos coloca em contato com o julgamento dos envolvidos na nossa tese e devemos enfrentar as questões éticas envolvidas, como transcrever, respeitosamente, elementos pessoais, por vezes íntimos, em uma etnografia.

A volta ao campo implica também encontrar-se com variações e permanências que contestam as rigidezes construídas na narrativa etnográfica. Continuando com a metáfora inicial, podemos dizer que, embora deixemos de nos banhar no mesmo rio, podemos entender que as águas mais profundas mantêm elementos essenciais que não mudam tão rapidamente.

Que elementos de permanência concordam com minhas apreciações anteriores? Enquanto a curta duração do retorno não me permite especular

muito sobre o conjunto de ideologias e práticas dominantes que eu denominava “patronazgo”.² Todas as evidências registradas me indicam sua continuidade (ALVAREZ, 2004, p. 17).

Eu me atrevera a dizer até que o triunfo dos paramilitares e dos narcotraficantes representa também o triunfo de uma masculinidade agressiva competitiva, na qual prevalecem as ideias de subordinação e controle das mulheres. Ao mesmo tempo, a persistência e a continuação da vingança entre famílias nos fazem ver a persistência de tensões e conflitos entre as famílias causados, segundo afirmava então, pelas tensões e conflitos observados no interior das casas.

Escrevi na conclusão da minha dissertação: "Em Nómeque, o poder é disputado através do uso, por todos os grupos em conflito, de várias formas e manifestações de violência" (ALVAREZ, 2004, p. 189). Agora escrevo que a comunidade vive a vitória dos paramilitares apoiados mais ou menos sem disfarce pelo poder do Estado. Em minha tese, de maneira alguma havia previsto que a guerrilha, enraizada cultural e historicamente a Nómeque, seria apagada do mapa. Essa quebra de um "equilíbrio instável" entre esses diversos grupos torna efetivo o discurso sobre o terror que em minha experiência anterior parecia não ter a mesma efetividade.

Este retorno ao campo me faz ver que os elementos centrais do “patronazgo” mantêm inalterados enquanto se percebem profundas mudanças no campo político a favor dos setores de ideologias e práticas políticas e sociais mais conservadoras. Quando escrevi minha tese não considerava que esses setores conservadores triunfariam ou que pudessem impor o terror na região.

Referências

ALVAREZ, Santiago. The relationship between internally and externally generated violence in an Andean Mestizo Colombian community, Tese de doutorado (PhD), *London School of Economics*, Londres, 1999.

ALVAREZ, Santiago. Enterrando heróis, patriarcas, suicidas e traidores: Solidariedade e ostracismo nos Andes colombianos. *Mana* 7 (2): 35-55, 2001.

ALVAREZ, Santiago. *Leviatán y sus lobos, violencia y poder en una comunidad de los Andes colombianos*. Antropofagia: Buenos Aires, 2004.

LONDOÑO, Rocío. *Los nuevos hacendados del Sumapaz*, Bogotá, 1993.

TAUSSIG, Michael. *Shamanism, colonialism and the wild man*. Chicago University Press: Chicago, 1987.

TAUSSIG, Michael. *Un gigante en convulsiones*. GEDISA: Barcelona, 1992.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 02 de agosto de 2011 e aprovado para publicação em 01 de setembro de 2011.

¹ A “vacuna” é o imposto revolucionário solicitado pelas FARC aos que considera rico.

² Com o conceito de “patronazgo” defino uma versão específica do sistema patriarcal relacionada a uma organização familiar dominada por uma figura masculina poderosa e central, el patrón com uma numerosa prole legítima e ilegítima que exerce controle sobre as mulheres e também sobre os homens a ele subordinados.